

ARQUITETAS INVISÍVEIS: EXPLORANDO OS LIMITES ENTRE DISCURSOS E VIVÊNCIAS

RAFAELA JORGE CECCONI¹; ANDRÉ DE OLIVEIRA TORRES CARRASCO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – rafajceconi@hotmail.com;

²Universidade Federal de Pelotas – andre.o.t.carrasco@gmail.com;

1. INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado faz parte das atividades desenvolvidas pela autora junto ao grupo PET Arquitetura e Urbanismo da UFPel e segue os encaminhamentos dos estudos já desenvolvidos no ano anterior. A temática emerge dos anseios em compreender a situação de invisibilidade das mulheres nos campos de atuação de arquitetura e urbanismo com enfoque em/nas relações e limites entre discursos e vivências.

Em 2019, o CAU/BR organizou uma Comissão (CTEG) para discutir a presença das mulheres na arquitetura, sendo desenvolvidas pesquisas que apontaram um desequilíbrio nas proporções entre aqueles que frequentam as faculdades e o mercado de trabalho e aqueles que ocupam os espaços de representatividade e reconhecimento no campo disciplinar e profissional da arquitetura e urbanismo. Frente a isso, o objetivo do trabalho consiste em analisar como esse desequilíbrio é construído socialmente, explorando as tensões derivadas do choque entre os diversos discursos construídos em torno do tema e as vivências determinadas por este contexto de desequilíbrio. Ademais, o estudo se propõe a identificar possíveis estruturas que dificultam a construção de um espaço pluralizado e as possíveis consequências na cultura arquitetônica e na experiência do ser na cidade.

2. METODOLOGIA

Partindo do estudo sobre representatividade feminina na arquitetura e urbanismo disponibilizado pelo CAU/BR (figura 01) e as reivindicações sobre a falta de reconhecimento dos trabalhos de arquitetas, em 2019 foi feita uma análise do conteúdo disponibilizado pelo site “Un día, Una arquitecta”, que foi criado no intuito de visibilizar as contribuições de arquitetas nas diferentes ramificações da arquitetura. A análise, apresentada no CIC 2019 (CECCONI; CARRASCO, 2019), mostra que essa situação de invisibilidade além de ter relação com o contexto social, possui ligação com a cultura machista presente tanto no meio acadêmico quanto no mercado de trabalho de arquitetura.

Sendo assim, o trabalho aqui apresentado busca dar sequência a esse estudo. Dessa vez, buscando explorar as influências da linguagem e do discurso, tem como procedimento metodológico fundamental um exercício de revisão bibliográfica para, a partir desse exercício, construir um embasamento teórico crítico para questionar a problemática sobre outras perspectivas.

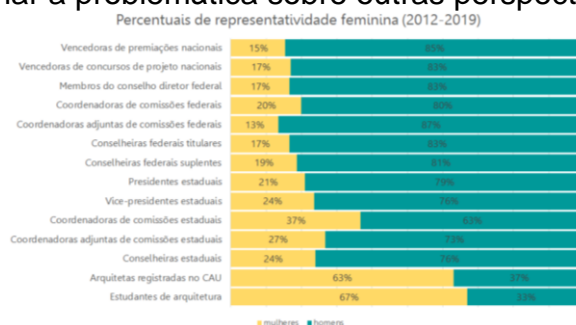


Figura 01: Fonte: (CAU/BR, 2019)



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando analisado sob uma perspectiva de gênero, o desequilíbrio entre quem ocupa o meio acadêmico, quem compõe o mercado de trabalho e quem exerce funções de representatividade e reconhecimento no âmbito de arquitetura e urbanismo pode evidenciar uma contradição. Se existem mais pessoas de um grupo atuando no campo profissional, nesse caso as mulheres, a tendência é que esse grupo tivesse mais visibilidade nesse mercado. No entanto, as estatísticas oficiais mostram o oposto. Mais da metade das pessoas que estudam e trabalham no ramo são mulheres e quando se trata de cargos de organização do setor, posições políticas ou de destaque, o número de mulheres cai consideravelmente. Diante disso, podemos pensar esse fenômeno sob duas perspectivas, uma relacionada ao acesso a esses espaços e outra ao silenciamento das mulheres arquitetas, enfatizando nessa situação, o discurso.

A partir da análise do site “Un día, Una arquitecta” realizada ao longo de 2019, foi possível destacar que esta invisibilidade, além de estar ligada ao contexto a que essas pessoas estão inseridas, muitas vezes lidando com jornadas duplas ou triplas de trabalho sem poder contar com auxílios institucionais, também possui recorte de classe e raça. Além disso, é possível considerar que, na cultura ocidental, salvo raras exceções, historicamente a produção e apropriação da arquitetura se constituiu e se consolidou a partir de uma perspectiva essencialmente patriarcal. Vale ressaltar que essa baixa diversidade nesses espaços podem implicar na estereotipagem das atividades do ofício e com isso, no fortalecimento de um padrão requerido por esse mercado dificultando não só o ingresso, mas também a permanência das mulheres no campo profissional uma vez que exigem não só conhecimentos técnicos, mas também esforços físicos, psicológicos e comportamentais.

Visto que essa cultura perdura até os dias de hoje, este trabalho busca compreender de que formas ela é ou pode ser/estar articulada através de determinadas narrativas. Argumentando sobre a capacidade da mente humana em desenvolver diferentes universos cognitivos sobre realidade, Lera Boroditsky (2017) em sua apresentação no TED Conference propõe que a linguagem é capaz de moldar os modos de pensar do ser humano. Seguindo essa lógica, podemos pensar a linguagem como uma importante ferramenta para se analisar quais ideologias e culturas estão sendo reproduzidas na sociedade.

Partindo disso, o trabalho se propõe inicialmente a refletir sobre a temática no livro “Mulher, Casa e Cidade” escrito por Antônio Risério (2015). No capítulo 3, intitulado “Coisas de mulher”, o autor discute os papéis das mulheres nas sociedades e estabelece um contraponto aos argumentos que Doris Cole desenvolve em “From tipi do skyscraper: a History of women in Architecture”(1978). Nessa obra a autora afirma que as mulheres índias norte-americanas eram as arquitetas de suas comunidades, posicionamento tido por Risério(2015) como um exagero retórico por parte da feminista. O autor toma como referência a seguinte afirmação de Cole.

“[...] As mulheres índias eram as arquitetas de suas comunidades. Entre muitas tribos indígenas da América do Norte, as mulheres desenhavam, fabricavam e construíam unidades de moradia. De fato, a arquitetura era com frequência considerada trabalho de mulheres”. (COLE apud RISÉRIO, 2015, p.53)

Risério assume esta afirmação como uma mistificação da feminista Doris Cole, visto o ineditismo histórico do papel que a mulher assume nesse contexto,



uma vez que, segundo o autor, não apareceria em outras referências de estudiosos.

“Cita, por exemplo, Fred Eggan, Social Organization of the Western Pueblos, no capítulo da divisão sexual do trabalho. [...] Os homens cultivavam os campos e produziam tecidos, enquanto cabia às mulheres “moer milho, cozinhar, cuidar das crianças, remendar e reparar casas, e fazer cestos, ornamentos e cerâmica”. De imediato, Doris já trata essas mulheres que faziam reparos em moradias como construtoras de suas próprias casas.” (RISÉRIO, 2015, p. 53)

Risério considera Cole como categórica, ignorando que suas referências colocaram a colaboração feminina sob o signo de uma possibilidade. No entanto, é possível entender que Cole compreende o processo de construção de maneira mais ampla, onde outras formas de execução também são incluídas nesse processo. Isso é, se não houvessem mulheres, ou qualquer outro alguém executando essas tarefas é bem provável que as moradias fossem construídas de forma ou em tempos diferentes. Sendo assim, se existem registros de mulheres atuando na produção do espaço da moradia, não é um equívoco (nem exagero) afirmar que elas fazem parte da construção do mesmo em termos arquitetônicos.

Por fim, Risério conclui: “De qualquer sorte, até pela beleza da ideia, admitamos dar aos tipis o título de exceção planetária. Exceções, todavia, são exceções. E o certo é que, em todos os demais cantos do planeta, em todas as épocas de que temos notícia, a construção de assentamentos e moradias foi ofício só – e somente só – masculino.” (RISÉRIO, 2015, p. 54)

Esse conflito entre Cole e Risério propõe diferentes perspectivas para se pensar a mesma realidade. Pode ser que de fato as mulheres atuando na construção de assentamentos e moradias seja uma exceção planetária ou também pode ser que elas não tenham feito parte da forma como esse processo de construção, ou como o autor considera o ofício, foi concebido. Ainda assim, é importante identificar que existe um conflito não só de quem fez, participa ou realiza, mas de quem fez o quê, ou seja, um conflito que diz respeito aos papéis socialmente atribuídos a homens e mulheres na produção de seu espaço, sua legitimação e valorização. E assim, pode se entender que a colocação do autor supõe uma certa hierarquia no momento que categoriza as funções assumidas pelas mulheres como secundárias dentro de um processo que mais propende a ser horizontalizado, como pode ser notado na posição de Cole. Além disso, também é possível considerar que o autor busca generalizar o particular, adotando a hierarquização e divisão do trabalho vigentes nas sociedades modernas e ocidentais como se fossem categorias de análise e produção passíveis de serem transferidas à todas as sociedades em todos os tempos.

Para poder analisar esse conflito de forma mais crítica, cabe aqui incorporar o conceito de lugar de fala desenvolvido por Djamila Ribeiro (2019) para então partindo dele considerar que os diferentes lócus sociais que os autores ocupam possibilitam diferentes formas e limites de compreensão. Sendo possível considerar que a influência da linguagem na concepção da invisibilidade não só se dá por questões gramaticais como a flexão de gênero por exemplo, mas também porque constitui uma forma de enxergar, narrar e construir a realidade.



Ainda sobre a influência dos discursos nas situações de invisibilidade que permeiam a profissão de arquitetura e urbanismo, podemos acrescentar as ideias de Judith Butler (1990) e as abordagens da filósofa sobre a dialética hegeliana. Como um método de investigação filosófica que não se propõe a formulação de uma verdade absoluta, no livro "Teoria Queer e Judith Butler" Sarah Salih (2012) coloca que Butler "vê a resolução como perigosamente antidemocrática, pois ideias e teorias que se apresentam como "verdades" autoevidentes são, com frequência, veículos para pressupostos ideológicos que oprimem certos grupos sociais, particularmente as minorias ou grupos marginalizados."

Posto isso, é importante considerar que a situação de invisibilidade não é apenas decorrência da ausência de mulheres no setor, mas também de uma cultura que dentro das suas próprias estruturas não garante espaços para que sejam vistas. Sendo assim, a discussão sobre as situações a que a invisibilidade permeia se faz pertinente por evidenciar narrativas que perpetuam uma maneira rígida e limitada que em algum momento se construiu os sentidos da linguagem, dos processos e do espaço em si.

4. CONCLUSÕES

As considerações finais sobre o trabalho realizado enfatizam a importância de refletir essa discussão teórica no âmbito profissional, de forma a questionar e reivindicar os processos e as formas de se discutir e fazer projeto que temos hoje, buscando abranger espaços cada vez mais inclusivos. Nessa lógica, vale ressaltar que o trabalho disponibilizado pelo CAU/BR e por assim, o trabalho aqui apresentado, partem de um sistema binário que considera apenas homem e mulher como possibilidade de gênero. No entanto, as discussões tanto de gênero quanto de linguagem já avançaram para além de uma lógica binária, agregando outras possibilidades de expressão. E é por esses desdobramentos que o trabalho pretende dar sequência, buscando contemplar cada vez mais a complexidade que a discussão da invisibilidade das mulheres demanda.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Un día, Una Arquitecta. **Un día, Una Arquitecta**. 2015. Acesso em 6 set. 2019. Online. Disponível em: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/>
- TED talks. **Lera Boroditsky: How language shapes the way we think**. TED Talks, 2017. Talks. Acessado em 17 mai. 2019. Online. Disponível em: https://www.ted.com/talks/lera_boroditsky_how_language_shapes_the_way_we_think
- CAUBR. **Inédito: visão completa sobre a presença da mulher na Arquitetura e Urbanismo**. CAU/BR, Brasília, 7 mar. 2019. Notícias. Acessado em 28 set. 2020. Online. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>
- RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen, 2019.
- RISÉRIO, A. **Mulher, casa e cidade**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2012.
- CECCONI, R; CARRASCO, A. A invisibilidade feminina na arquitetura e urbanismo. In: **CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**, XXIX. Pelotas, 2019. Anais... Pelotas: Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, 2019. SA_04073.